anxa
90-B
37443

17

ESTUDOS DO ALTO-MINHO

POR

FELIX ALVES PEREIRA

XX

Colheitas etnográficas

EM

Valdevez

Tip. 'A PLEBE„ (OFICINAS MOVIDAS A ELECTRICIDADE)—Viana-Valença

MCMXVIII

737

Homenagem e agradecimento

(20-IV-918)

Colheitas etnográficas em Valdevez

(Estudos do Alto Minho — XX)

Para obtemperar ao gracioso empenho de um dos ilustres fundadores do *Instituto Histórico do Minho*, lembrei-me de restolhar pelas minhas gavetas o que, dentro delas, já adormecera ao abandôno consciente da privação de estímulos para trabalhos especulativos.

Mas não é sem forte sinceridade que aplaudo a generosa e fresca exuberância dos meus conterrâneos do Alto-Minho e que venho também contribuír, com algum material de interêsse etnográfico, para o inquérito scientífico, que êles se propõem realizar nessa densíssima região, trasbordante de tradicionalismo.

E' já lugar comum proclamar a alteza dos trabalhos, que visam a conhecer o fundo das tradições populares e por isso creio bem estarmos intelectualmente muito distantes do tempo em que, triste sintoma, a redacção de um jornal, que se dizia do povo, recusava a um dos mais sábios etnologistas portugueses a publicação de um estudo sôbre factos do nosso *folk-lore*, com o grave argumento de que eram frivolidades abaixo da missão jornalística (1).

Há cêrca de 18 anos que deixei o meu Alto-Minho e, antes disso, era em outro campo de estudos que eu exercia alguma actividade; sem embargo, alguns factos de importância etnográfica acudiam por vezes na rêde das minhas pesquizas e eu não podia enjeitá-los.

São êsses que eu ressuscito agora e dou à estampa, principalmente com o intuito de estimular aquêles estudiosos que, vivendo no meio adequado à indagação do *folk-lore* minhoto, podem expressamente dedicar-se a investigações intensas desta natureza. Do exame e selec-

(1) *Tradições populares de Portugal* pelo Dr. J. Leite de Vasconcelos, Pôrto, 1882, pág. XVI.

ção dêstes materiais, procedem depois os trabalhos de maior tômo e mais dilatado alcance, enquanto estas meúdas colheitas teem, na sua futura utilidade, o melhor prémio.

E' provável que, na minha série, haja um ou outro facto, que já não seja inédito; não me preocupei com isso, porque pretendi publicar só o que pessoalmente colhi da bôca do povo ou de pessoas da minha família (excepto em um caso); por isso me eximo a fazer citações de obras e revistas, nas quais os assuntos desta classe são tratados *ex-professo*.

Todavia, não me julguei dispensado de metodizar as minhas colheitas, mais ou menos em harmonia com indicações autorizadas.

Pôsto isto, dividirei o assunto em duas partes muitas exclusivas: I—contêm o que expressa e declaradamente concerne à região etnográfica do concelho dos Arcos-de-Valdevez, a que eu limitava as minhas pesquisas arqueológicas; II—inclui o que tem carácter geral ou autónomo, ou se refere a sítios estranhos, mas que, em todo o caso, das mesmas fronteiras procede; esta parte é que segmentei segundo a diversidade dos factos etnográficos. Na I parte, abri um capítulo muito particular de etnografia, por assim dizer, municipal; é o que respeita a festas tradicionais e oficiais daquêle concelho; fi-lo em homenagem a um morto.

E, para ser absorventemente etnográfico, à maneira dos prégadores que, nas funções da aldeia, se adaptam às exigências consuetudinárias dêsse mesmo povo, peço também a *escarração* (1) da praxe e... princípio.

I

Factos etnográficos, tradições, cantigas, etc., tudo localizado em freguesias do concelho dos Arcos-de-Valdevez.

1 — As pessoas, que, pela primeira vez, entram na vila dos Arcos, devem ser levadas à *fonte de S. João*, para ganharem afecto aos naturais da terra.

2 — As mulheres grávidas, para não terem mau sucesso, devem dirigir-se, à meia noite, à *ponte sôbre o Lima*, a qual separa o concelho dos Arcos do da Ponte-da-Barca, e tirar água do rio, por meio de um púcaro suspenso de uma corda. Ao primeiro homem, que passa, pede-se que bàtize a criança, lançando essa mesma água sôbre o ventre da mãe.

3 — Quando uma mulher está perigosa de parto, o marido deve ir dar nove badaladas nos *sinos da igreja de Nossa Senhora da Lapa* (na vila dos Arcos).

4 — Quem vestir o *menino Jesus da igreja da Misericórdia*, casa no mesmo ano em que tiver esta devoção.

5 — Na igreja de S. Bento, havia uma *imagem de St.º Antóni*

---

(1) Termo recolhido para um glossário.

a qual a rapariga, que desejava casar-se, furtava de cima do altar. Por fim os frades (antoninos descalços) pregaram-na, para acabar a crença.

6 — O *castelo do Rio Frio* é um elevado môrro, coroado de penedia colossal, a um dos lados do vale, onde assenta a vila dos Arcos-de-Valdevez; foi lugar habitado na época pre-romana, como se infere da cerâmica que lá tenho encontrado.

Na rocha vê-se, entre outras insculturas, um sulco; disse-me um velho que era a rilheira de um carro do tempo dos mouros. As pequenas depressões na rocha são: umas, os sinais das patadas dos seus cavalos, e outras, dos seus cajados; tudo deixava sinal, ainda que fôsse na rocha.

Nêste alto há duas aglomerações de granito, uma maior que outra, separadas por uma depressão no terreno; uma é o castelão, outra o castelo, o que faz dizer:

Do castelo ao castelão
Há um haver do rei mourão!

Com esta variante:

Do castelinho ao castelão
Há o tijouro do rei mourão!

No mais elevado ponto, há um terreno chão onde se cria herva; é o campo da moura. Um homem contou-me que foi lá com outros em uma noite de S. João colhêr a semente do feno, que era muito boa para *encantos*. Levantou-se porêm tal vento e todos ouviram tanto borborinho, que fugiram pelo monte abaixo e só longe pararam.

Assegurou-me que na freguesia ainda há campos, que foram comprados com o dinheiro de uma moura e preguntou-me se eu sabia que em todos os castelos havia um casal de mouros.

E narrou o seguinte: Um dia uma rapariguinha, que andava pelo monte com as ovelhas, viu uma senhora, que lhe pediu um *porrão* com leite e ela trouxe-lho. Ao outro dia, a rapariga pôs-se a cantar e a senhora tornou a aparecer, mas desta vez foi a própria senhora que lhe deu um *porrão*, dizendo-lhe que o levasse a casa, mas nem olhasse para trás, nem visse o que ia dentro. A rapariga, porêm, teve curiosidade, foi ver o que levava dentro do *gábedo*; eram carvões; deitou-os ao chão e, chegando a casa, contou o sucedido. No dia seguinte, a mesma senhora, em troca do vaso com leite, deu-lhe como na véspera outro, mas a rapariga, prevenida pelos pais, não o deitou fóra e êsse levou-o para casa.

No dia em que a rapariga viu que era carvão o que levava e lançou tudo ao chão, os pais vieram ao sítio, mas não viram já nada. E' que o carvão era dinheiro.

Também uma vez vieram ali uns homens acompanhados de um padre, que levava um livro de S. Cipriano; fizeram uma grande *mina* à procura do tesouro, mas a mina aluiu e êles ficaram lá dentro fechados, até que se pôs o sol.

7 — Dêste mesmo *castêlo* até ao rio Vez, parte um canal subterrâneo; quem lançar uma laranja pela bôca dêsse conduto, pode ir ve-la aparecer no poço do Caldeirão, que é no mesmo rio, à distância de 3 ou 4 mil metros em linha recta. Aquêle ponto tem cêrca de 440 metros de altitude.

8 — Na freguesia de Eiras há um castro, chamado o *Alto do Modorrão*. Próximo desta eminência, há o lugar de *Pinheiro*.

Certa noite, um morador do lugar ouviu grande tropel de bêstas e vozearia de homens, mas não se mexeu.

No outro dia, foi observar as proximidades da casa; encontrou o terreno escavado e grande porção de tijolos deixados no solo. Ainda lá estavam, os tijolos, na freguesia a cubrir uma casa... (Isto foi-me afirmado em 1897, 27-IV).

Nessa madrugada, houve quem visse a *moura* deitar a correr na direcção do castro, gritando que lhe tinham roubado o seu tesouro.

Este castro tem um fôsso de 6 ou 7 metros de largura, o qual o separa do resto da montanha; era por aí que os mouros levavam os seus cavalos à aguada em um ribeiro próximo.

9 — Em um certo sítio da mesma freguesia *(Lapa da Moura)*, um garotelho encontrou debaixo da terra um «porrão»; veio dizê-lo na freguesia.

Foram uns homens ver o que o «*gábedo*» continha, mas já nada toparam. Se o rapaz tivesse mijado em cima, já o porrão não desaparecia.

10 — No *Cotarêlo dos Pinheiros* (freg. do Couto), que fica sobranceiro aos *Campos do crasto*, vê-se vaguear de noite uma luz. E' sinal de dinheiro enterrado ou marco que se mudou (?); essa luz toma às vezes a forma de um cachorro *rabudo* (sem rabo) e até já uma vez passou por baixo das pernas de uns rapazes, a correr.

11 — Esta crença da luz andava também ligada ao *Alto da Lamela* (freg. de Giela); tanto é verdadeira, que um tal João do Sobreiro encontrou lá um baú com peças. E' provável que se diga agora que ninguêm mais lá viu a luz misteriosa...

12 — Ainda cheguei a ver na mesma freguesia o *Boi Bento*, que aparecia em algumas procissões, mas nunca presenciei a scena de liturgia pagã, de o conduzirem até o altar, que faziam farejar para simulação do ósculo. O animal ia todo ajaezado de colchas e por baixo um saial branco encanudado na fimbria. Nos *galhos* e cauda, laços e fitas, tal como uma vítima de sacrifício. O dono à ilharga, ou o seu criado, empunhavam um ramo de manjericão aromático e, por êste mimoso processo, enxotavam a mosca irreverente, acompanhando com a gravidade necessária as lentas passadas do manso bicho.

13 — Na freguesia de Gondoriz, há uma fraga a que chamam o *Sino da Moura*. Visitei-a em 1895; tem curiosas escavações de origem natural, mas o povo afirma que há ali tesouros escondidos. Dias antes da minha visita, tinha lá ido um clérigo, vezeiro nêstes actos desencantar os tesouros, cerimónia de que deixou por vestígios os pingos de cera das velas, com que solenizava a sua intervenção.

14 — Na quinta do *Outeiro* (freg. de Gondoriz) havia uma *sepul*

tura rupestre (1), que julgo estava em 1903 quási destruída. Servia para as mouras amassarem o pão, que depois iam cozer à casa de Aguiã, que lhe fica do outro lado do vale do rio Vez.

Um cabo, suspenso entre os dois pontos, servia para o transporte do pão.

Aparecem ali vários vestígios antigos; o povo conta que os galegos afirmam que esta quinta está ladrilhada de ouro (alusão talvez ao aparecimento de algum mosaico como em Vizela; cfr. *Rev. de Guimarães*, 1884, p. 167).

Parece que os nossos vizinhos sãs entendidos nêstes assuntos.

15 — O pão de *Santo Estêvão* em Aboim: no dia 16 de Dezembro, o pároco desta freguesia benze pão, fermento, massa, doce e nozes. Este pão dura meses, «que até admira». O fermento é para todo o ano e até se pede e dá como coisa de estimação; livra da raiva.

Na freguesia de Prozêlo, também há o pão bento.

16 — Quando pela primeira vez visitei a igreja românica de *Ermêlo*, de que hei de ocupar-me (11 de Maio de 1897), um velho dali contou-me a seguinte lenda:

Um rei tinha uma filha, que lhe pediu licença para construir um palácio, no sítio mais elevado dos seus domínios e, obtida a permissão, começaram as obras no Outeiro-Maior (é o ponto mais elevado da serra de Soajo). Foram dizer ao rei que a filha, daquêle sítio, descortinava terras até a Espanha, e então o pai, para evitar uma guerra com esta nação, cassou-lhe a licença. Então a princeza pediu que lhe deixasse escolher o sítio mais enterrado de Portugal para o palácio. O rei anuiu e a filhã veio então escolher êste sítio de Ermêlo.

O velho hesitava entre a construção de um palácio e a de um mosteiro; o facto é que se vêem no sítio ruínas de outro edifício além da igreja.

Presumo também que o pedido da princeza era para todo o território, que se avistasse do ponto escolhido, mas eu não quis fazer observações ao contista, que acrescentava que o retrato desta princeza era a imagem de Santa Maria, que estava pintada na parede do Altar-mór.

Nesta freguesia, junto ao rio Lima, há uma fonte, cuja água tem virtude. Mas é preciso que *cristãos e animais* se banhem na água, antes do sol nado e, quem quiser levar a água para casa, deve tirá-la nove vezes, aproveitando só a da décima vez, isto também antes do sol nascer.

17 — Na freguesia de Parada, há um sítio a que chamam *S. Joana* (São-Joanne) e onde dizem que foi a primitiva igreja.

Um lavrador desenterrou uma ossada e levou-a para casa. Enquanto não repôs os ossos na sua antiga jazida, não lhe sucediam senão desgraças.

No Museu Etnológico (Belêm) guardam-se algumas tégulas des-

---

(1) Assim penso que se podem chamar as sepulturas de inumação, cavadas em penedos ou rocha, as quais são atribuíveis à idade média e não aos romanos. Também há *cistas* rupestres de incineração.

tas sepulturas, que são claramente medievais e cristãs. Ainda hoje o orago da freguesia é S. João; a antiguidade desta paróquia comprova-se ainda por uma festa municipal que adeante vai descrita.

18 — Na freguesia de *St.ª Vaia*, há uma imagem de S. Cipriano, que o povo banha na fonte do castro, quando precisa de chuva.

Pelo mesmo motivo, St.ª Marinha de *Prozêlo* é banhada no rio Vez, que passa perto; noutra fonte, colhi que o banho era no rio Frio, regato afluente daquêle.

19 — Na mesma freguesia há um castro, chamado *Ant'os-Crastos*. Há lá muitas riquezas, porque, dizia-me um crente: trabalham lá muito as *varas!*

O bordo de um vaso pre-histórico, que lá me deram, tinha sete impressões digitais, como ornamentação. Era a mão de sete dedos; indica tesouro.

Em um sítio da freguesia, chamado a *Tôrre*, tinha sido desenterrado um tesouro em condições misteriosas. Uma manhã, apareceu aí um grande buraco no chão e um homem afirmou que, passando perto, ouvira o bater das enxadas. Quando alguns vizinhos quiseram *achanzar* a terra extraída do buraco, notaram que ela não chegava para o encher; quando costuma suceder o contrário. Sinal de que alguma coisa dali tinha sido tirada.

20 — Na encosta de *Crasto de Reboreda* (freg. de Santa Vaia de *Rio de Múinhos)* há uma capela de S. Cipriano, que goza a tradição de ser a primitiva igreja. Quando o povo deseja sol, levam o Santo em procissão ao alto do castro e colocam-no sôbre uma pia ou escavação na rocha, que lá existe, com a cara voltada para o lado do sol. Se desejam chuva, a procissão dirige-se a uma fonte próxima, situada nas abas do referido castro, fonte que nunca seca, colocam-no sôbre a tampa de pedra, e o padre (!) ou por outra o sacerdote gentílico, tomando água da fonte, banha com ela a imagem.

Muito crentes, contaram-me que, uma ocasião em que não tinham pedido chuva, bastou ter sido lavado o santo por qualquer motivo, para começar a chover.

Doutra vez, um prègador da festa do santo orago, ao qual nessa altura pediam chuva, disse no púlpito que, quando a chuva começava a caír, não era por terem feito as abluções ao santo, mas, se os fregueses não merecessem essa graça, a chuva não viria. Pois o resultado foi que, ainda a festa não era acabada, já a chuva era tanta que a gente não pôde passar o ribeiro do Decêto, que fica logo abaixo, por causa da cheia.

21 — Na freguesia de *Estrêmo* e perto de um sítio chamado *Moínhos de frades*, estava uma pedra com buracos, onde havia tesouro com certeza. Meteu-se-lhe um tiro de pedreira, mas nisto apareceu um fantasma e os crentes fugiram cheios de pavor.

22 — No *Crasto* (freguesia de *Cabreiro)* a que chamam das *Necessidades*, há riquezas encantadas.

Contou-me um rapaz que um seu tio fôra com outros homens cavar em certo sítio, para ver se descobriam o tesouro; era preciso dizer *arre, diabo!*

Assim o fizeram e logo a terra se abriu, como para patentear a riqueza. Mas ao vêr tal, um dos homens assustou-se e inadvertidamente exclamou *ai, Jesus!* Logo a terra tornou a fechar-se, e ouviu-se um grande reboliço no ar.

A pia, que lá existe, esteve já tapada por uma pedra; dentro continha tanto cobre que aos homens, que a foram desencantar, couberam seis moedas em dinheiro a cada um. Também se diz que esta pia era de os mouros darem água aos seus cavalos.

Caminhos subterrâneos tem dois; um para o rio Vez, no poço da *Padéla;* outro para o rio de Cabreiro, no *Poço Negro.*

Ao fundo do castro há uma fonte. Na manhã de S. João, antes de nascer o sol, saía da fonte uma moura, que punha um *tendal* de roupa a secar. Uma mulher, que passava, pegou na camisinha de uma criança e já a levava consigo, quando tal ruído se produziu, que a largou com o susto e abalou para casa.

Há lá *bírboras* com asas, que voam de uns montes para os outros e mamam «muito serênas» nas vacas, que andem a pastar.

Também na fraga da *Urgeira* (freg. de Gondoriz) aparece uma moura com um *tendal* de roupa.

23 — Era há anos vulgar, mesmo nas igrejas da *vila dos Arcos*, arrematarem-se depois da missa conventual, no adro da igreja, géneros ou animais oferecidos por voto ou promessa a algum santo.

24 — Na freguesia da *Gavieira*, há um grande santuário no género do Bom Jesus de Braga — a *Senhora da Peneda.* E' muito concorrido nos dias de festa, vindo até gente da Galiza, aos ranchos (nos dias dos galegos). Entre as ofertas, primam as de cabeças de gado, que são arrematadas em geral pelas pessoas que as oferecem.

25 — A *Senhora do Vale* (freguesia do mesmo nome) é advogada contra a *bicha* do milho; por isso o que se lhe oferece é milho. No dia da sua festa (3.a feira depois da Páscoa) vem todos os anos o *clamôr* de Refojos (freguesia do concelho de Ponte-de-Lima) formado de pessoas de todos os lugares da mesma freguesia, acompanhadas do pároco; pelo caminho veem cantando.

26 — A' *Senhora dos Remédios* (a moderna igreja substitui uma antiga ermida) oferecem-se, por curas obtidas, *romeirinhos;* são 9 crianças, das quais uma deve ser do sexo masculino e se lhe dá o nome de *guardião;* vão em rancho, levando na mão um ramo de oliveira, adornado com flores (como no domingo de Ramos) e cantando a seguinte quadra:

Senhora dos Remédios
Aqui vos trazemos
Estes romeirinhos
Que vos prometemos.

Lembro-me de ver também irem romeirinhos à Senhora ou *Alminhas de Monserrate*, lindo nicho à margem da estrada da Barca aos Arcos.

27 — Na freguesia de *Alvora*, há uma *Senhora da Cabeça;* a sua festa é na 3.ª feira depois da Páscoa. E' advogada contra as dores de cabeça e por isso oferecem-se-lhe cabecinhas de cera.

28 — *Santo Amaro* da freguesia de *Monte Redondo* é advogado contra os aleijões; oferecem-se-lhe membros de madeira e cera.

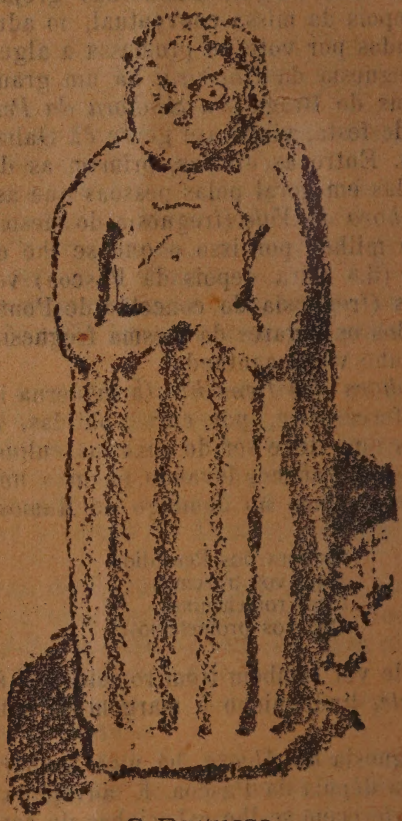
29 — A *S. Sebastião*, que é advogado contra a peste, fome e guerra, acendem-se fogueiras no alto dos cabeços, na noite de 19 para 20 de Janeiro, em volta da vila.

30 — *Senhora da Luz* de Vilar, na freguesia de *S. Jorge*, é advogada contra as lesões nos olhos; festa a 2 de Fevereiro.

31 — Nas montanhas do concelho, os mealheiros das alminhas são substituídos por pequenas arcas de madeira, onde a oferta que se lança é de géneros, milho, feijão, etc.

32 — No *Côto da Pena* (freguesia de Grade) há um olho marinho; quem cavar em determinado sítio corre grande risco; já uns homens, que andavam a abrir uma mina, tiveram de largar tudo e fugir (*Arch. Port.* XX, 228).

33 — Na freguesia de *Grade* há uma *poça*, onde certo homem, da freguesia contigua de Cabana-Maior, mandava a beber as numerosas cabeças de gado que possuía. Mas a *rêz* era na verdade tanta, que os de Grade notavam falta de água para a rega dos seus milhos. Levaram o caso aos tribunais e venceram a demanda.



S. Frutuoso

34 — Na freguesia de Loureda há, em pleno campo, uma estátua de pedra que recebe culto do povo e chamam S. Frutuoso (1). Está em um recanto de umas leiras, que teem êste mesmo nome e estão situadas pelo lado de cima da igreja paroquial. Fiz o desenho, que acompanha estas linhas, em Setembro de 1896 e procurei ser o mais exacto possível. A estátua é de granito e tem 1,24 de altura. Dizem-me que, actualmente, está protegida por um *cobêrto*. A cabeça estava separada do tronco. Inclino-me efectivamente a que seja uma escultura cristã. O cabelo parece cortado em fórma de cercilho; os braços dobrados sôbre o peito parecem sustentar um porta-paz, que talvez tivesse aplicada uma chapa triangular de diferente substância. A veste é talar em dobras paralelas e verticais.

Este S. Frutuoso é invocado para necessidades de saúde, tanto de pessoas como de animais (2). O culto prestado consiste em promessas de cera ou azeite, colocando-se-lhe aos pés rolos e velas acesas pelo tempo que fôr prometido.

Em alguns domingos e dias santificados também lhe fazem romeiros das duas freguesias próximas de Loureda e Alvora. A imagem, é como se vê, muito tôsca e até parece maltratada. Conta-se que há, cerca de 20 anos, um indivíduo chasqueou da escultura, dando-lhe duas marteladas nos olhos. Do sacrilégio resultou-lhe ficar cego. Para recuperar a vista, teve de fazer penitência e acender-lhe velas durante trinta noites seguidas (3).

35 — Na freguesia da Gavieira, no lugar de *Tibo*, pelo menos, quando alguêm morre, introduzem-lhe na algibeira da mortalha um bocado de *brôa* «para a viagem».

36— Adeus, ó largo da Lapa,
Só tu me restas paixão;
E' onde eu tenho, não nego,
Raízes do coração!

37— Adeus, ó igreja de Eiras,
Tens um prégo na parede;
Todos passam, ficam livres,
Só eu fiquei prêsa nêle.

38— Divino Espírito Santo,
Tende mão no paredão,
Que se botam os manatas
Ao poço do Caldeirão.

(Alusão à igreja do Espírito Santo que se ergue a cavaleiro do rio Vez.)

---

(1) Creio que não poderá ver-se nesta escultura uma obra do estilo e época das estátuas do *Cerro de los Santos*, ainda que adulterada ou apropriada. Em todo o caso ocorreu-me fazer o cotêjo.

(2) S. Frutuoso costuma ser invocado por causa de *frutos*; é um *nomen-numen*.

(3) Devo estas informações aos Srs. P.e António Cândido de Brito Galvão e Emílio Pereira Gomes; amigos meus, a quem exaro o meu agradecimento.

39— Pelourinho da Valeta
Vai-te deitar a dormir,
Não sejas alcoviteiro
Das criadas de servir.

40— Pelourinho da Valeta,
Vai-te deitar a afogar;
Não sejas alcoviteiro
De quem lá vai passear.

Estas duas quadras são alusão ao sítio, em que o Pelourinho esteve bastantes anos, junto do rio Vez, e onde as mulheres da vila se juntavam para lavar roupa. Também em tempos idos, era um ponto preferido para quem às tardes saía a passear.

41— Hoje em Valverde (1) se correm as canas,
Pariu a rainha e dançam as damas,
Umas de vermelho, outras de amarelo,
Só D. Inês de verde em cabêlo.

42— Nunca de Braga veio bom tempo,
Nem de Coura bom casamento!

Mutatis mutandis, êste ditado existe em outras terras.

1A

(CAPÍTULO ESPECIAL)

Este capítulo contêm a descrição de cortejos que a câmara nos Arcos-de-Valdevez organizava e que, ainda de antiga origem, há cerca de 40 anos, se realizavam. Vagamente me recordava eu da existência dessas festas e por isso, em 1901, pedi informações a um funcionário municipal, que conhecia bem as usanças concelhias e que eu particularmente apreciava, porque êle tinha um grande interêsse por tudo quanto se relacionava com as antiguidades da nossa terra. Publico agora, pela primeira vez, o interessante relatório que êle me enviou, em resposta a um meu questionário com data de 16 de Abril de 1901. Dizia-me o Sr. Francisco Maria Barbosa de Lucena (2), tal era o seu nome, que o cartório municipal dos Arcos era talvez o mais pobre do reino, existindo pouquíssimos papeis anteriores a 1834. E que era uma lástima possuir a câmara, desde 1847, um livro com a designação *Annais do Municipio*, onde apenas se haviam lançado os termos de abertura e encerramento e se transcrevera a portaria, que mandára adquirir o livro às câmaras municipais!

(1) Sítio na vila dos Arcos; desconheço a origem da quadra.
(2) Faleceu em 29 de Janeiro de 1912, com adeantada idade.

CAVALHADAS MUNICIPAIS

1.ª em dia de S. João Bàtista

Em 24 de Junho de cada ano, a câmara municipal dos Arcos dirigia-se a cavalo com os seus empregados e muitas outras pessoas à igreja paroquial de Parada ouvir uma missa, que ali era celebrada por um padre que desde a vila acompanhava o cortejo; o pároco vinha à entrada do adro da igreja esperar a câmara e o seu séquito, seguindo todos para o interior do templo. Dita a missa, eram oferecidos aos camaristas pelas raparigas da freguesia grandes ramos de cravos. Ao mesmo tempo, um paroquiano entregava a qualquer vereador (naturalmente ao mais graduado) um pé de milho completo, com o pendão e espigas ainda verdes, enfeitado com fitas e flores, em que predominavam os cravos. O vereador entregava o *milheiro* ao oficial da câmara.

No regresso para a vila, vinha à frente da cavalhada o oficial, portador do pé de milho; os sinos das igrejas repicavam e os tambores rufavam, ou uma banda de música acompanhava o préstito.

Dizia a tradição que esta usança era de tempo imemorial e provinha de um voto, que o município dos Arcos-de-Valdevez fizera ao SS. Sacramento da igreja de Parada, para que livrasse êste concelho de um flagelo que, durante alguns anos, destruiu os milharais. Tendo cessado a calamidade, as câmaras municipais cumpriam anualmente o seu voto e, para documento do seu benefício, organizavam esta cavalhada, trazendo à vista do povo o pé de milho já bem desenvolvido, a fim de que a ninguêm ficasse a dúvida de que o mal desaparecera e os milharais se criavam excelentemente.

Chegado o alegre cortejo à vila, todos se dirigiam à igreja matriz, que é a paroquial do Salvador e cuja tôrre é encimada pelo sino da câmara; aí se celebrava outra missa, esta porêm, solene, a que o povo e tôdas as famílias da terra acorriam.

Mas esta parte da festa não era a que mais alvoraçava de ruídosa alegria os habitantes dos Arcos. A câmara municipal, antes do dia determinado, convidava um morgado no estado de solteiro ou, não o havendo, casado de pouco tempo, e constituía-o, no caso de êle aceitar, o que era ponto de honra para quem se prezava, mordomo da festa para satisfazer as despesas respectivas. As pessoas das relações do mordomo concorriam à cavalhada, que desta forma adquiria o maior luzimento possível. O mordomo empunhava na cavalhada um pequeno estandarte de damasco vermelho, em cujo centro estava pintada uma imagem de S. João.

Depois da missa, organizava-se no terreiro do Espírito Santo, que é o largo que fica situado entre a igreja matriz e a daquela invocação, corridas de cavalos e jogo de lanças com argolinhas.

2.ª em dia do Anjo Custódio

No terceiro domingo de Julho, dia do Anjo Custúdio do então reino, organizava o senado arquense outra cavalhada, mas sem padre, e dirigia-se desta vez à igreja paroquial de Ázere, onde assistia a uma missa que era celebrada pelo pároco respectivo.

Quanto à origem dêste costume, dizia-se que, no tempo em que esta freguesia estava debaixo da jurisdição do bispo de Tui (1), êste vinha a Ázere e oficiava naquêle dia em uma antiga ermida, que existira no chamado castelo de S. Miguel, dedicada ao mesmo Anjo Custódio.

A câmara municipal vinha então apresentar-lhe os seus cumprimentos e homenagens de respeito, acompanhada das principais pessoas da terra.

No regresso da câmara à vila, celebrava-se também uma missa solene na igreja matriz, com assistência dos vereadores.

Convidava-se igualmente um morgado solteiro, para estipendiar a festa e acompanhar, com as pessoas das suas relações, o senado em luzida cavalhada.

Desta vez porém, o pendão de damasco vermelho levava pintada a imagem do Anjo Custódio e era igualmente empunhado pelo mordomo.

De tarde celebravam-se na vila os mesmos jogos de destreza de cavaleiros, que na festa do dia de S. João.

Procissão de "Corpus Christi,,

Antes dêste dia a câmara municipal, reùnida em sessão, deliberava escolher e convidar um lavrador para fornecer o *boi bento* e o *carro das hervas*, que deviam figurar na procissão *do Corpus Christi*.

A' hora determinada, apresentava-se o lavrador convidado junto da porta da igreja matriz, ao lado do seu boi, que naturalmente devia ser da melhor estampa. O animal ia enfeitado com uma colcha de damasco, que o cobria, e adornado de laços de fitas e espelhos; nos paus levava cordões de ouro e laçarotes de seda.

O carro das hervas era um vulgar carro de bois ornamentado com ramos de cerejeira, dispostos em arcaria e cheios de frutos maduros. A junta, que o puxava, tinha também os chifres adornados de fitas de seda e o jugo igualmente entretecido de galões vistosos. Era do estilo que o carro *cantasse* o mais possível, o que o lavrador consegue apertando os *apoladoiros* e tricionando o eixo.

---

(1) Veja-se *Boletim da Associação dos Arqueólogos portugueses* XII, 222.

A' frente da procissão, a conveniente distância, caminhava o carro das hervas e um pouco atrás o boi bento. Nos tempos mais antigos, mas ainda na última geração, o boi era conduzido para dentro do templo e dizem umas pessoas que era guiado até ao altar-mor, outras que só até ao arco cruzeiro (1). Feita esta prévia cerimónia, o boi tornava a sair da igreja, vindo esperar cá fora a procissão.

A missão do carro das hervas era juncar as ruas do trânsito de hervas aromáticas (herva doce, rosmaninho, etc.). Dizem uns que os homens, que iam dentro, as espalhavam algum tempo antes da procissão começar o seu percurso, outros que era à frente do préstito e durante a sua realização que se fazia a distribuição das plantas. No 1.º caso, o carro não se encorporava na procissão e retirava-se para o seu ponto de partida. Outras vezes e últimamente, já não espalhava hervas, limitando-se a comparecer para a função.

E' escusado comprovar o tradicionalismo mediévico que revestiam as duas cavalhadas municipais às igrejas de Parada e Ázere e o sabor profundamente pagão da encorporação em uma festa cristã do *boi bento*, adornado com fitas e do *carro das hervas*, enramado de esgalhos cheios de cerejas maduras.

II

A) Adágios, adivinhas, frases estereotipadas

1 — O que é bom, ao longe tôa;
O que é mau, *de seu* se apregôa.
2 — Quem aluga o c.; não c..a quando quer.
3 — Nunca o carro derradeiro (isto é, um pouco mais pesado atrás, no *rècadein)* levou o boi ao carniceiro.
4 — Ano de herva, ano de m...a! (porque para os lavradores não presta).
5 — Setembro maton a mãe à sêde.
6 — Chuva junhal, fome geral.
7 — Donde quinta, daí trinta.

E' uma referência ao 5.º dia da lua; se nêste dia chove, temos chuva para o fim do mês.

---

(1) O meu informador refere o testemunho de um antigo funcionário do concelho, secretário da administração o qual muito bem conheci, Francisco Bernardo de Amorim; êle afirmava que o boi era conduzido antes da procissão sair, até o arco cruzeiro. E minha falecida mãe contava que o levavam a beijar o altar-mór e referia duas anedotas do caso. Em certo ano, o boi espantou-se com o estrondo dos foguetes e da música, fugiu e largou a correr pela rua Direita abaixo, metendo-se no pátio da Misericórdia, onde foi agarrado. Noutra ocasião, sucedeu pior aos donos dos cordões de ouro, porque o boi, seguido do rapazio em algazarra, enveredou para o rio, passando para a outra margem, depois de ter perdido todos os enfeites de valor. Doutra vez, quem conduzia o animal era um galego, que ao guiá-lo através do concurso sufocante de povo que enchia o templo antes da procissão, abria caminho dizendo: Deixem dar o *aire* no boi, señão *bái-xe no igrexa!*

8 — Paz em casa; guerra em todo o mundo.
9 — Adoram-se as pedras por causa dos santos.

E' uma alusão ao procedimento das pessoas que lisonjeiam indirectamente os outros, mas com interêsse ou segundas vistas.

10 — *Escuro:*

Quanto *mais grande*, menos se vê.

11 — *Buraco:*

Quanto mais se corta, mais cresce.

12 — *Ovo:*

Redondinho, redondóte,
Não tem fundo, nem batoque.

13 — *Galo:*

Tem esporas, não é cavaleiro;
Sabe das horas, não é pelo norte;
Canta matinas, não é sacerdote!
Que é ?

14 — *Azeitona:*

Verde foi meu nascimento,
De roxo me vesti,
Para dar luz ao mundo
Tantos trabalhos padeci.

15 — Lá vem nossos pais,
Maridos das nossas mães,
Pais de nossos filhos,
Nossos maridos legítimos.

16 — *A videira:*

— Já fui moça, já sou velha,
Deus de filhos me carrega,
O inverno me faz céga,
A vista m'a dá o verão;
Tenho um neto por brazão,
Que me faz perdê'lo brio
E outros a estimação!
(sic)

17 — *O vinho:*

Eu sou tam rijo e tam valente,
Que derribo a tôda a gente
Só, seja a quem fôr,
Co'a fortidão do meu vapor;
Sou filho, da mesma mãe nacido.
Que visto pelo mesmo vestido
Sou diferente na condição

18 — *O vinagre:*

Eu, sendo da mesma velha neto,
Nem por isso me tem muito afecto;
Nunca teve (sic) dependências (1)

(1) Decerto por *pendências.*

Nem andei pelas audiências;
Nunca soube que cousa foi vingança,
Que só sirvo para temp'ranças, senhores.
Sou tam amigo da paz,
Coisa que meu irmão num faz!

19 — *A cabra e o centeio:*

D'alto me miras,
Comer me querias;
Mas tu morrerás
Eu ficarei
Tu deixarás
Em que eu meterei! (que é a farinha e o fole).

20 — *Carta:*

Passei pela Libia fria,
Tomei pela Libia ardente,
Do oriente ao poente
A mim tudo se confia
A memória do passado;
Para maior clareza
Trago o rosto assinalado.
Que é?

21 — Sou *cergião* reformado,
Já curei bestas e gado;
Agora já curo gente.
Aquela que me não morre,
Sempre me fica doente.

22 — Aquela F. Já deita as faldas para a cara. (Alusão fácil de perceber).

23 — Olhe! Nem tudo é água. (Maneira eufemística de chamar bêbado a alguêm).

B) Cantigas

24 — Tôdas as hervas são bentas
Na manhã de S. João.
Menos o trevo de quatro fôlhas
Colhido com má tenção.

25 — Não quero do teu pão, que é mole,
Nem do teu bolo, que é duro,
Nem que me tu faças,
Como fizeste ao burro.

(Adeante conto o apólogo).

26 — Maio, mamaio,
Molhado em vinho,
Nós somos quatro
Com o maio são cinco.

27 — Esta noite choveu ouro,

Diamantes orvalhou:
Lá vem o sol com seus raios
Enxugar quem se molhou.

28— Ingrato! Tens por costume
Teres de pedra o coração!
Eu amo, e estou sofrendo
A tua ingratidão.

29— Oliveira lá do alto
Não assombre'la igreja;
Bem assombrado ando eu
Com tam grande tristeza.

30— Vi-te gentil e formosa
Sem poder adivinhar
Se tu eras branca rosa
Ou estrela a scintilar.
Porém rosa tu não eras,
Que eu fôlhas te não vi.
Se tu eras branca rosa,
Dá me as falas que te ouvi.

---

c) Vida infantil (criação e linguagem)

31 — A mulher, que beber qualquer líquido enquanto está dando de mamar, faz mal, porque produz gôta (epilepsia) na criança. Para inutilizar êste resultado, a criança deve, durante nove manhãs a seguir, tomar leite fresco de duas cabras que sejam mãe e filha; há quem prefira leite de duas mulheres, também mãe e filha.

32 — Há uma variante que diz, para desfazer o inguiço da mãe que bebe enquanto dá leite, que basta beber o leite de uma cabra, que já seja mãe de outra que também dê leite; mas está sabido, há-de ser durante 9 manhãs.

33 — Logo que uma criança nasce, o pai deve de encher a própria bôca de vinho e borrifá-lo na bôca do recemnascido; é para que o leite que êste mamar de outra mulher, que não seja a mãe, não lhe faça mal, nem comunique o génio da outra.

34 — Na bôca das crianças recemnascidas, deve pôr-se mel, para serem de segrêdo, e uma gêma de ôvo batida com açúcar, para terem graça. Chama-se a isto *lòquinha*.

35 — Quando uma criança não anda, ou é tardia no andar, devem-se-lhe ligar as pernas com um junco e em seguida levá-la a um carpinteiro, colocando-a sôbre o banco, mas sem dizer coisa alguma. Ao carpinteiro compete cortar imediatamente o junco.

36 — O cordão umbilical dos recemnascidos deve ser lançado ao lume, para evitar que os ratos o levem. Se tal sucedesse, a pobre criatura não tinha mais parança em tôda a sua vida. Por isso, quando se vê uma pessoa muito inquieta, diz-se: Foram os ratos que lhe fugiram com o umbigo.

37 — Não se devem cortar as unhas das crianças com tesoura: mas só roer.

38 — Criança que não fale, não deve deixar-se beijar outra que já fale; aliás esta não aprende mais nada, sem a outra falar também.

39 — Môço, vai àquêle sapateiro que te sóle aquêles sapatos; que t'os sóle, sobressóle e torne a sobressolar. Môço, êle sobressolar-t'os há ?

40 — Uma rasa bem arrasada; quem na arrasou, a desarrasará ?

D) A mulher (casamento, maternidade, vária)

41 — Quem achar o trevo de quatro fôlhas, casa nêsse ano.

42 — As raparigas, quando querem casar, trazem escondidas nas ombreiras do colête relíquias da pedra de ara ou retalhinhos de corporais.

43 — Lenda. Um rapaz namorava uma rapariga. Um dos pontos de reünião era no moínho, quando a rapariga ia levar a fornada e tinha de esperar pela moedura. Um dia a namorada preveniu o rapaz de que, a certa hora, fôsse a um determinado moínho, porque ela iria lá ter com outras raparigas. O rapaz porêm, foi antes da hora aprazada e percebeu que as raparigas já estavam dentro do moínho. Não apareceu e pôs-se a espreitar, através de um buraco no colmo do telhado, o que as raparigas em galhofa estavam fazendo dentro do moínho. Viu então que a sua namorada preparava uma beberagem para lha dar a êle. E' tradição que a chamada *água de c. lavado* tem a virtude de fazer com que a pessoa, que a toma, não possa deixar de andar sempre atrás da pessoa que a administra. Era essa a mèzinha, que a rapariga estava preparando no meio da galhofa das outras. O rapaz fingiu-se chegado naquêle momento e, à despedida, a namorada deu-lhe a beberagem e fêz-lhe prometer que, quando chegasse a casa, se tivesse sêde, bebesse daquela água; mas êle, em vez de a tomar, foi dá-la a um burro que os pais possuíam. O resultado foi seguro. O burro começou a andar por tôda a parte atrás da mèzinheira, para seu castigo. E' a isto que se refere a cantiga *supra*.

44 — As raparigas, que querem casar (ou desejam ter filhos), devem levar um frango branco à Senhora de Olélas, na Galiza, defronte do lugar da Várzea, junto a Soajo.

45 — A mulher, que tocar as Trindades, agarrando na corda com os dentes, não tem mais filhos.

46 — A' mulher grávida deve dar-se quanto ela quiser ou lhe apetecer; não se lhe satisfazendo o desejo, pode *desparir* ou morrer. Se a criança nasce com a bôca aberta, é porque não se satisfez algum desejo da mãe.

47 — Quando, em uma família, há sete filhas fémeas e alguma delas não é madrinha de outra, a mais nova torna-se *pejeira* dos lôbos e pode viver no meio dêstes, sem que lhe façam mal.

Como o vestuário deveria andar esfarrapado, quando se vê uma mulher andrajosa, diz-se que parece uma *pejeira*.

48 — Nas barrelas, a roupa das mulheres nunca se deve assentar por cima da dos homens.

e) A morte

49 — Quando os galos cantam fora das horas, é sinal de que alguêm morre durante o ano nessa casa ou na *parentanha*.

50 — A herva de Nossa Senhora deve colher-se no dia de S. João e guardar-se em casa, suspensa por uma linha. Se não vegetar nesta posição até o dia de S. João do ano seguinte, é indício de que alguêm está para morrer nessa casa.

51 — A Santiago da Galiza, quem não vai em vida, vai depois de morto. A estrada é a via-láctea.

Também já ouvi dizer o mesmo da Senhora da Peneda, santuário da serra de Soajo, freguesia da Gavieira.

52 — Quando os moribundos começam a suar, é porque já vão pela estrada de Santiago. Esta tem duas carreiras de estrêlas; uma é estrada de Santiago, outra a da Senhora da Peneda.

53 — O número 77 é agourento, porque são duas machadinhas; é uma idade perigosa por isso e morre muita gente com ela.

54 — A palha da enxêrga, em que uma pessoa morre, deve ser queimada, e não é bom passar por cima das cinzas.

---

f) Medicina popular

55 — Em um caso de herpes, que sobreveio a um grande traumatismo, uma velha mandou aplicar o seguinte remédio e produziu imediato resultado: Pêlos de testículos de um carneiro preto e palhas alhas, fervido tudo em azeite; friccionar o ponto atacado, pronunciando certas palavrinhas.

56 — Para as feridas contusas, o remédio consiste em fazer ferver um frango preto inteiro, com tripas e tudo, adicionando colmo de *colmaço* velho. Esfregar depois a equimose.

57 — Quando se dá um violento traumatismo, deve chamar-se uma mulher parida de duas crianças e fazê-la colocar um pé no sítio queixoso.

58 — Para as inflamações de olhos, é bom lavá-los com o líquido que se obtêm da seguinte maneira: corta-se uma cana um pouco acima da raiz, enche-se o interior do *canêlo* com açúcar candi e no dia seguinte vai recolher-se o líquido.

59 — Para as maleitas, é bom tomar café sem açúcar, entrecasco de *freixeiro* fervido em água e aguardente.

Desta enfermidade curou-se uma mulher, bebendo vinho e um *rójado* de osso humano desenterrado de uma sepultura.

60 — Quando o *sêsso* sai do ânus, deve ser recolhido com um trapo de defunto; não se fazendo isto, mais cedo ou mais tarde torna a sair.

61 — Para a erisipela, deve trazer-se ao pescoço azougue dentro de um tubozinho de prata.

62 — Para as suas operações, as mèzinheiras exigem azeite de 9 lamparinas de igrejas de santos masculinos, mas é preciso deitar outro para não roubar o santo.

63 — Para o peito da mãe não gretar ou espigar, deve friccionar-se com a primeira caquinha da criança.

64 — Quando alguêm sofre um delíquo, deve esfregar-se a garganta com um *meóte* servido e não lavado.

G) A natureza (a água, o sol, a atmosfera)

65 — A resina dos pinheiros sobe quando no mar a maré também sobe, e desce quando a maré baixa. E' por isso que só devem ser abatidos à hora da maré alta.

66 — João do Monte é a água brava dos montes, quando desce nas fortes enxurradas.

67 — A água de alguma trovoada só penetra na terra, depois que o trovão fêz estremecer o chão.

68 — *Trovoadas.* E' bom lançar no lume sal, ou hervas santas, ou ramos benzidos no Domingo de Ramos.

69 — *Trovoadas.* Deve-se pôr a arder ou atiçar o cêpo do Natal; êste cêpo coloca-se na lareira na noite de Natal e deve arder sem interrupção até o ano novo ou ano seguinte; o pedaço que fica, guarda-se e é o que serve para aquêle fim.

70 — *Trovoadas.* E' bom acender a vela *Maria.* Nos Arcos é uma vela de cêra córada, benzida no dia da Senhora das Candeias; em outras terras, dizem que é em outro dia. Também é vela *Maria* uma vela de cêra virgem, das que serviram nos ofícios da Semana Santa.

71 — Os tesouros devem procurar-se com uma vara ou varêta *azougada*, porque o azougue nunca está quieto, e o lado para onde êle caír é o lado da riqueza. Mas esta observação deve ser feita ao meio dia. (Recolhido no Mezio, freg. de Cabana Maior; há aí um verdadeiro poliândrio pre-histórico, que já descrevi em *O Arqueólogo Português;* as mamôas são chamadas *motas* ou *amotas;* cfr. uma que se chama *Mota do ôlho marinho*, talvez já na freg. de Soajo, e um caminho no Calcado, entre mamôas, que se chama *Antr'as amotas).*

H) O crime

72 — Quando entre as pessoas, que cercam o cadáver de um assassinado, se encontra o próprio assassino, o golpe, ferida ou contusão manam sangue vivo.

73 — O cadáver da vítima de assassínio deve ser conservado de bruços e na mesma posição deve ser enterrado, para que os matadores não possam fugir à justiça.

I) Alimentação

74 — Quando a farinha não levéda, deve cobrir-se com uma peça de roupa servida de homem, ou um tamanco que seja.

75 — Certos produtos, que servem para a nossa alimentação, são

sagrados ou bentos; assim é pecado os pisadores do vinho urinarem dentro do lagar; é porcaria as mulheres pisarem as uvas em vez dos homens; é pecado lançar o pão ao chão ou pisá-lo; quando tal sucede levanta-se logo e beija-se.

76 — *O pão dos aguados* — Para preparar êste pão, procede-se da forma seguinte: Vai-se ao forno público. Tira-se de 9 tabuleiros, sem consentimento, 9 bocados de massa; juntam-se e faz-se um bôlo que se mete no fôrno, tendo préviamente praticado, com o dedo *fura-bôlos* ou indicador, 9 buracos nêsse mesmo bôlo. Depois de cozido, leva-se a 9 lojas ou tendas diferentes e, sem pronunciar palavra alguma, apresenta-se ao lojista, que entorna em um só buraco, uma ou mais pingas de azeite; cada um dos lojistas no buraco que lhe competir. Dá-se êste pão à pessoa *aguada*, que come quanto lhe parece, mas o que sobejar deve dar-se a um cão.

Este bôlo é feito de farinha de milho. Cada tabuleiro, dos que estão no fôrno para cozer a massa, paga 40 reis por cada rasa de farinha amassada.

---

j) Sêres sobrenaturais (santos, feiticeiras, mouros)

77 — *A S. Bento*, que é advogado contra as nascidas ruins, cravos e verrugas, oferecem-se ovos e *cravos*.

78 — *S. João Bàtista* é advogado do juízo; minha mãezinha, onde encontrasse uma imagem de S. João, tomava-a do altar e punha-no-la sôbre a cabeça, para nós os filhos, termos juízo.

79 — *S. Gonçalo de Amarante* é casamenteiro. Por isso lhe cantam:

S. Gonçalo de Amarante,
Casamenteiro das velhas;
Porque não casais as novas,
Que mal vos fizeram elas?

80 — A *S. Torquato de Guimarães* canta-se:

Quem me dera, dera, dera,
Estar a dar, a dar, a dar,
Beijinhos a S. Torquato
A' beira do seu altar.

81 — Em *S. Martinho de Dume* fica sendo juíz da festa para o ano seguinte o borracho, que beber mais vinho sem tombar.

No dia de S. Martinho, é que se atestam as vasilhas ou toneis.

82 — No dia de *S. Pedro de Rates*, não se deve trabalhar por causa dos ratos.

No dia dos *Santos Inocentes*, também não se deve trabalhar, porque êles são muito *bingatibles*.

83 — *S. Tomé*.

Entre mim, ti e Tomé, três dias é:
21 de Dezembro.
Neste dia prende o porco pelo pé;

Se êle *dissér*: que é, que é?
Diz-lhe que tempo é;
Se êle *dissér*: que tal, que tal?
Guarda-o para o natal.

84 — A Santa Apolónia oferece-se sal.

A S. Bento frangos brancos ou ovos, porque também são brancos.

A Santo Ovídio telhas, porque as suas capelas são no alto dos montes.

85 — S. Brás é advogado da garganta; S. Bento das nascidas; St.º Amaro dos aleijões; S. Sebastião das febres; S. João Bàtista das dôres de cabeça e do juízo; St.º Ovídio das doenças dos ouvidos.

S. Jerónimo e St.ª Bárbara das trovoadas.

Quando estala um trovão, exclama-se: *S. Jerónimo!*

S. Vicente contra as bexigas.

St.ª Catarina dos partos, e St.a Luzia dos olhos.

86 — Enquanto a criança não é bàtizada, não deve apagar-se a candeia da casa, porque pódem vir as feiticeiras. Uma vez que isso aconteceu, a criança apareceu tôda pisada e *mordicada*, até que morreu.

87 — Quando se vê um homem muito magro, como que chupado, dizem: *F. parece que anda a negar uma missa às almas!*

88 — Quem tem ataques epiléticos ou histéricos, é porque tem a alma de alguêm.

(Daqui à trepanação pré-histórica não vai longe.)

89 — Quando as mulheres usavam o cabêlo atado com uma fita, ligava-se a esta uma figa, por causa das *dadas* das feiticeiras.

90 — Nas mamôas escondiam os mouros as suas riquezas. Era por isso que a uma de Lamas de Coura chamavam *forninho de ouro*.

K) Lendas dos mestéres

91 — Quem inventou a *trava* das serras foi o diabo, sem querer. Uma vez tentou a S. José, que era carpinteiro, e como êste o desprezasse, o diabo foi-se à serra com os dentes; *trincou-a e retrincou-a* para um lado e para o outro. S. José ia servir-se da serra, quando notou que depois disso ela serrava melhor; daí em diante ensinou aos outros a dar trava às serras.

92 — O caldeamento ou soldagem do ferro inventou-se por acaso. Um ferreiro tinha na forja dois pedaços de ferro; passou um cão que pretendeu entrar na oficina. O ferreiro arremessou-lhe um dos ferros em brasa, o qual se foi cravar na areia; tornou a metê-lo na forja com a areia aderente e notou então que os dois pedaços ficaram soldados um ao outro.

L) Ensalmos

93 — Ouvi esta *oração* a um mendigo:

Quem se tiver de confessar,
Muito deve de cuidar.
Cuide bem ou cuide mal,

Faça bem ou faça mal,
Que os judeus
Prenderam o nosso Deus;
Levaram-no a casa de Heródes
Heródes não estava aí.
Estavam trêze ladrões
Que sentença lhe mandaram dar
Com seis espinhos de espinhal.
O Senhor lhes respondeu
Que o sangue que dêle corresse
Nem se vertesse,
Nem se derramasse;
Mas que as portas do céu
Eram brancas e florinas
E as do inferno negras e denegridas,
Que lá estavam quatro almas lascarinas.
O Senhor tamanhas penas viu arder
Que chamou seu filho Marques pela mão.
Vem cá meu filho Marques,
Alumia estas almas,
Que em tamanhas penas ardem.
O sol para de dia,
O luar para de noite.
O sol tambores e guedelheiras despenteadas.
Quem disser isto na quarentena,
Tirará quatro almas de culpa e pena.
A primeira será a sua,
A segunda aquela que mais desejar.
Amen. Jesus.

M) Literatura poético-popular

[As poesias dialogadas, que se seguem, foram ouvidas a uma cantadeira analfabeta de grande memória. Tinham-lhe sido ensinadas por outra mulher, também analfabeta. Em todo o caso, é possível que, de algumas composições, a origem não seja absolutamente popular.]

94 — «*Conversar por verso* (sic)

Rapaz:

— Deus te salve, cantadeira,
Deus te cubra de benção,
E a tôda-las pessoas
Que neste lugar estão;
A tudo quanto pertence
A' humana geração.

Rapariga:

— Deus te salve e Deus me salve
E ò povo que aqui está;
O salvar é cortesia,
A glória, Deu-la dá!
Quem me dera a mim saber
De que condição virá.

Rapaz:

— Eu darei ouro por prata,

Darei prata por latão;
A quem me souber estimar;
Por bem dou o coração.
Também le dou o castigo,
Se me faltar à rezão;

Rapariga:

— Num me faças muita bulha,
Qu'o cãozinho está a dormir;
Melhor é ficares mal,
De que tôda a gente se rir!
.....
.....

Rapaz:

— Tu não te exaltes comigo,
Que eu sou de raro talento;
Cantadeiras com'a ti
Dou combate a mais de um cento;
Sendo elas tais e cais,
Dou sota a um regimento!

Rapariga:

— Estou armada de sciência
P'ra fazer òposição;
Juro-te à fé de quem sou,
Inda te hei-de dar lição;
Hei te de dar umas calças,
Qu'hás de ser um figurão!

Rapaz:

— O teu coração te engana, (1)
Tira daí o sentido;
Tu as calças não mas dás,
Hei de t'eu dar um vestido
De doze metros de largo,
Outros doze de comprido.

Rapariga:

— Tu não te exaltes comigo,
O vestido não mo dás;
Adonde, se mo tu désses, (2)
E' que eras um bom rapaz;
As calças tas darei eu
Abèrtinhas por detrás!

Rapaz:

— Co vestido que te eu dér
Te hádes ver envencilhada,

---

(1) Neste, como em casos idênticos, a pronúncia é: *t'ingana;* v. g. *star, teide* (te hei de) etc.

(2) *Adonde* neste sentido corresponde a *porquanto, porque.*

Que nem a môsca na aranha,
A formiga na geada.
Parece-me que já tens
A fraldinha bem mijada.

Rapariga:

— Tu co'isso não me assustas,
Eu ouvir as tuas *chonas*,
Pois que te lembraste disto,
Mijarias as pantalonas;
Deita balas parà frente,
Não me estejas com anzonas.

Rapaz:

— Eu, vendo fôrças na frente,
A tocar tambores na guerra,
Logo se me representa,
Que para mim tudo é terra;
Tu não sabes, cantadeira,
O quanto em mim se encerra.

Rapariga:

— Sem seu tempo não se criam
Nem os carvalhos no souto,
Dizer-te hei na peleja,
Quem eu son pouco a pouco;
Fala sim como quiseres,
Que eu respondo-t'ò que ouço.

Rapaz:

— Sou do signo de Marte,
A' guerra inclinado;
Se levantas teu estandarte,
No chão o vês escangalhado,
Conforme o tu mereceres,
Assim hades ter o pago.

Rapariga:

— Aqui me tens a pé firme,
Como o santo no altar;
Se me déres um bofetão,
Dois ou três hades levar,
Sempre foi do meu costume
De pagar e repagar.

Rapaz:

— Como queres prègar de talento,
Em fundo vamos entrar,
Quero ver que me respondes
O' que te vou prèguntar;
Adonde tu não souberes,
De-pronto te hei-de ensinar.

Rapariga:

Faz-me lá sem arreceio,
A prègunta que quiseres,

Eu até donde tu fôres,
Não falto cum ser mulher,
Eu sou firme como o aço,
E pau para tôda a colher.

Rapaz:

—Como queres prègar de sábia
Aprèguntar-te já vou;
Qual foi o homem mais forte,
Que no mundo se criou?
Adonde tu não souberes,
Para te ensinar aqui estou!

Rapariga:

—Pra to dizer não me causa
A menor afelição;
Que eu bem sei perfeitamente
Que foi o grande *Assensão*. (sic)
Enquanto a essa prègunta,
Não mereces galardão.

Rapaz:

—Eu bem sei que respondeste
Sem profanares a rezão;
Quero que me diga-los nomes
Do pai e mãe d'*Assensão*,
Que também eu quero ver,
Se disso me dás solução.

Rapariga:

—O pai era *Manué* (sic)
A mãe era Deolinda;
Que tu queiras, que não queiras,
Eu hei-de ficar por cima,
Tenho lido muitos livros,
A mim já ninguêm me ensina.

Rapaz:

—Vou te dá-lo desengano,
Que não tens êsse regalo;
Mais fácil é no inferno
O diabo dar um estalo,
De que haver uma galinha,
Que possa servir de galo.

Rapariga:

—Prègunta requer prègunta,
Agora aprègunto eu;
Manué pai de *Assensão*
Onde o tribo (?) descendeu? (1)
Se mo disseres, veremos
Quem *és* galo, tu ou eu (sic).

(1) Leia *decendeu*.

Rapaz:

—Tua sciência secreta,
Elogio o teu saber;
Eu sei-o pelo miúdo;
Mas continúa a dizer,
Que eu te responderei,
Quando bem me pertencer.

Rapariga:

— A donzela Tiadora
Que é cruz de Jasu Cristo;
Mas isso não é verdade,
Que até ninguêm cria nisso,
Que eu na seguinte cantiga
A verdade certifico.

Rapaz:

—Sendo irmão de Natala,
Filho de Jacó e Bala,
Se a escritura o diz assim...
Tu para outro serás alta
Mas és baixa para mim.

Rapariga:

—Apenas expirou Jasus
Foi a santa cruz sagrada
Com os seus scepzinários (?)
Na terra foi sepurtado.
Diz-me se sabes dizer
De que forma foi achado.

Rapaz:

Aquela rainha Helena
Sôbre aquêle lugar (1)
Viu uma estrêla brilhante
Que a fêz imaginar
Que seria um sagrêdo
Que Dens queria revelar.
Mandou vir à sua ordem
Que à pressa lhe escavassem
A saber do Onipotente
O sagrêdo lhe mostrasse
Prometiu (sic) Nossa Senhora
Que a santa cruz achasse.
Depois foi a santa cruz
Em arrelíquias dividida
Por um povo que vivia
Numa fé santa e viva;
Não há quem saiba a escritura

(1) Leia *subraquele.*

Que o contrário disto diga;
Quando Deus e o Padre Eterno
O seu filho ao céu chamou
Assubiu ao monte Olivête,
A cruz no mundo deixou
E é hoje o Santo Leino (sic)
Que a cristandade abraçou.
Vamos seguir outro texto
P'ra môr (sic) de divisar,
Para que não diga o povo
Que constou só de um manjar,
Vê se te achas com fôrça
De me poderes amparar.
Marcha lá como quiseres
Que eu sou castelo seguro,
Estou pronta para o combate
Sem espada nem escudo,
Qu'eu bem sei que tu qu'és (sic) mestre
Mas não és o *sabes-tudo*

Rapaz:

Agora quero eu saber
O teu saber adonde vai,
Quero que me diga-los filhos
Que nascem dantes do paï;
Se não souberes eu vos digo
Vós então e me escutai (sic).

Rapariga:

—Foi Abel, Septe e Caim
Adonde Adão foi formado,
Lá no Campo de Marzeda,
Em Balicrou sepurtado.
Desta forma respondi
O que me foi prèguntado.

Rapaz:

—Hei te de fazer andar
Como a roda do sarilho,
Enquanto me não disseres
Qual é mais (sic) filha do filho?
Essa conta por miúdo
Sem que me saias do trilho.

Rapariga:

—Se te quiser dizer, sei-o;
Que é a nossa protectora,
Essa mãe, filha do filho,
E' Virgem Nossa Senhora;
Em como ela é mãe
Da minha alma pecadora.

Rapaz:

—Tu ao pé de mim és prata,

Eu ao pé de ti sou cobre;
Olha que a bandeira divina
Ao alto e ao baixo cobre.
Se ouvires dizer que eu morro,
Roga por minha alma a Deus,
Que eu também rogo por ti,
Se êle ouvir os rogos meus,
Tu padeces, e eu padeço,
Cantadeira, adeus, adeus.

---

95 — *Candidinha.*

Êle: —Bou-te dar a sabê'lo meu desejo,
Bou-te pedir por fabôr;
Se cunsentes dar-t'um beijo,
Chega-te p'ra dond'a mim;
Brinquemos, qu'eu num t'aleijo.

Ela: —Faço-te cánto me pedes;
Hoje não, àminhá sim;
A' sombra do alboredo,
No centro do meu jardim
Hei de te dar um abraço,
Se dás um beijo em mim.

Êle: —Tu dás-me falinhas doces,
Já conto que sou serbido;
Num me débes de faltar
O' que me tens prometido,
Há-des me dar outra coisa
Qu'inda trago no sentido.

Ela: —Constantino, num m'atentes;
Dessa num t'há-des gabar.
Já te bais adiantando,
Num m'agrada o teu falar;
Se me dás outra chalaça,
Retiro, ponho-m'andar.

Êle: —Candidinha, num t'apuquento,
Gardo-te muito respeito;
A' força num se faz nada,
Há de ser tudo cum geito;
As minhas falas são boas,
Eu falo-te com preceito.

Ela: —Tu a mim num me cumbences,

Qu'eu sou uma pedra dura ;
Sou bonita, stou donzela,
Sou séria, não tenho loucura,
Num sou das que tu procuras;
E' apertada a minha lura.

Êle :—Se é berdade ó que me dizes,
Inda stou mais sastifeito ;
Des'hoje pr'ó futuro
Sempre t'hei-de andar ao geito.
Eu dou te muitas bezitas,
Tu debes-me algum cunceito

Ela :—Se te debo algum cunceito,
A mim num me debes nada ;
Eu bem sei o que tu queres;
Tráze'la mánha ferrada !
Comigo num percas tempo
Qu'eu ando arrecautelada.

Êle :—Candidinha, eu num te fiz mal,
Pr'a que me falas assim ?
Bêjo-te tam assanhada,
Tam birada contra mim !
Por ti dou a minha bida
Pr'a *sécula* sem fim.

Ela :—Cunstantino, já pódes perder
O que tens no sentido ;
Num agárra'lo pássaro
Què stá scundido (1)
Cum fabores que t'eu faço
Num serás serbido.

Êle :—Linda Candidinha !
Eu tenho-te amôr,
Bou-te falar do meu intrior;
Deixar-te num posso
Que me causa dôr.

Ela :—Eu muito me custa de te bêr penar
Da dôr que tu tens p'ra m'inganar ;
Fala me de longe, nada de brincar.

Êle :—Candidinha, tu bem sabes

---

(1) Esta é a pronúncia, embora daí resulte êrro no verso.

A minha aflição;
Podes-me baler nest'acasião.
Se me não acodes,
Morro de paixão.

Ela:—Chama cergião pr'a te dar saúde.
Cunstantino, os teus luxos
A mim num m'iludem;
Pr'a tua moléstia,
Num tenho birtude;

Êle:—Tens em teu poder um remédio bom
Pr'a dar alívio ao meu coração.
Eu tenho o meu corpo a arder em febrão.

Ela:—Se stás àrder em febrão,
Toma banhos d'água fria
P'ra te'spalhar a tua agonia.
Olha que fortuna m'agora aparecia!...

Êle:—Candidinha, tu stás a mangar;
Fazes-te de grabe, stás a precisar;
Eu bibo cum fé de cuntigo casar.

NOTA. Procurei ser fiel, na divisão dos versos, às pausas da cantadeira que m'os ditou. Poderá concluir-se que a metrificação não tem a homogeneidade, que a princípio se espera.

---

96 — *Êsses teus olhos, Francisca.*

Êle:—Esses teus olhos, Francisca,
São bonitos d'incantar;
Quem me déra tê la dita
De os eu poder gozar.
Dá-me um ar da tua graça,
Se me queres alegrar.

Ela:—Pois que é o que bocê diz,
Qu'eu le num deitei sentido.
Num se steja a incomodar
Qu'olhe que é tempo perdido;
Num sou das que bocê pensa
Stá inganado comigo.

Êle:—Francisca, stás arrenegada,
Num me queres dar atenção,
P'ra sinal de amizade,
Deixa bê la tua mão;

Num te faças tam ingrata
Debes de ter bom coração.

Ela:—Ora olhem que fortuna
Logo à hora do dia;
Bem sei a sua moléstia,
Sei o que bocê queria.
Pode toca lo chinêlo
Prègar noutra freguesia.

Ele:—Tu desfazes no qu'eu digo,
Num me queres acarditar,
Eu num te desestimei
Fazes-me desesperar,
Já bêjo qu'és tam ingrata,
Num tens dó do meu penar.

Ela:—Como hei de ter dó de si,
Se bocê num stá doente;
Eu bêjo-o gordo e fresco,
Assim como a mais gente;
Eu nunca o desestimei,
Sempre o trato decente.

Ele:—Isso mesmo é qu'eu queria
Que me tratasses decente,
E que fôsse'lo meu amor,
In des hoje por diente,
Dába-me por sastifeito
Star à tua beira sempre.

Ela:—Ora bêja-m'o ratão!
Que tal é o bom sujeito!
Só de star à minha beira,
Já se dá por sastifeito!
Chega-te p'rá minha beira,
O' derriço do meu peito!

Ele:—Já bêjo que estás a mangar,
Num queres crer no meu dito;
In de mim já stou cheiínho
P'ra serbir de palito.
Só em oubir tuas falas,
Já me sinto aflito.

Ela:—Antão, senhor Abelino,
Qual é a aflição?
Diga-me se é da cabeça,
Ou se é do coração;

Que num bá ser borracheira,
Que precise dar-la mão.

Ele: —Tu nunca me bistes bbado
Nem isso questumo usar;
São as minhas aflições,
Que me fazem incomodar.
Só tu poderás, Francisca,
A isto remedio dar.

Ela: —Olhe, sr. Abelino,
Aqui não há mais que bêr,
Eu le dou a minha mão
E é p'ra m'arreceber.
Se bem com outro sentido,
Antão pode-o perder.

Ele: —Pois essa tua palavra,
Era a qu'eu oubir queria.
In de mim já stou doido;
Bamos tencioná-lo dia
Que bou dar parte aos parentes
E também a tua tia.

Ela: —Ná qu'olhe, senhor Abelino,
Tenho que le splicar;
Qu'inda le quero pedir,
Se chegarmos a casar,
Fazer por nos darmos bem,
P'ra não darmos que falar.

Ele: —Isto é que t'eu prometo
Sermos bem amiguinhos,
Darmo-nos bem com parentes
E com todo-los vizinhos,
E, ao cabo da chalaça,
Abraços e mais beijinhos.

Ela: —Eu cá bou levá la roupa
Para a minha burnideira
E le bou recomendar
Que trabalhe cum canceira
P'ra, domingo de Páscoa,
Sê la nossa brincadeira.

97 — *Batalhação entre a Saúde e a Doença* (1)

Saúde:

— Onde te lebas Doença,
A quem *bás aflijar?*
Deixa essas criaturas
No seu descanço gozar.
Sem piadade p'atricas
Acções birges tam tiranas
Im andares *àfligir*
As criaturas humanas.
Inté os desgraçadinhos
Que bibem a mendigar
Tu nem êsses *incètoras*
Ind'ós fazes mais penar.
Bem lhes basta muntas bezes
Sofrer a fome do pão,
Inda lhes dás mais doença
P'ra maór aflição.
A quem debes ser *propicissimo*
Inda lh'atiras mais forte;
Só te bingas im deixá-los
Depositados à morte.
Qu'ofensas arrecebestes
Da humana geração?
Quem vos obriga a tratá-los
Cum tanta ingratidão?
De bronze qu'um peito fôra,
Màs de aço o coração,
Chorarias teu mal feito,
Q'ando bisse-la rezão;
Munto debes de chorar
Mil bezes arrependida:
P'ra quem fazes biber
Na mais *strementosa* bida,
Se não fôras tam ingrata,
Tam bazia de birtude,
Serias tam desejada
Como eu im ser Saúde.

Doença:

— Ora o caso stá gostoso,
Se me falas im birtude;
Tenho mais im sér Doença,
De que tu im ser Saúde.

---

(1) Esta composição tem a mesma procedência que as outras poesias antecedentes. E' ouvida a uma analfabeta, que por vezes papagueava inconscientemente o que lhe tinham ensinado.

Par'àqui o *tentamento;*
Oubirás minhas rezões,
Porque tu não podes dar
As menores cuntrições,
Poderás dar, se quiseres,
Falando contra a berdade;
Nunc'às tuas cuntrições
Podem dar *probelidade.*
P'ra que me chamas ingrata,
S'eu não sou a que *dou* leis;
Trabalho por um decreto
Do Supremo Rei dos Reis.
Se sou do corpo flagelo,
Para a alma sou *bintura;*
Q'anto mais aflijo o corpo,
Má-la alma faço pura.
Já é mais o meu balôr
De qu'à Saúde é ouro.
Se sou do corpo flagelo,
Para o céu sou um tisouro.
Ninguêm debe neste mundo
De chorá-la sua sorte,
Qu'isto são os beus internos,
Que temos pr'àlém da morte.
Cumo Lázerus e abade,
Por biberem *aflijados,*
Na hora da sua morte,
Ante os anjos colocados,
A soberana da soberana,
Mái Santíssima de Deus.
Os que sofrem cum *pacência,*
Am'ôs *cume* filhos seus;
Se os humanos sofrem dôres,
Munto mais Jasus sofreu;
Justo é que todos sofram
Por quem por todos sofreu.
Se os humanos sofrem dôres,
Munto mais sofreu Jasus;
Justo é que todos morram
Por quem já morreu na cruz.
Já desprezei o meu balôr,
Agora desprezo o ten.
Isto é p'ra que tu saibas:
Quem mais bale, tu ou eu,
Se p'rò mundo *é* (1) regalo,
Màs p'rò céu não és palma.

(1) Por *és*?

Enche-lo corpo de bício,
Despréza-la graça da alma;
Inté os que tem saúde
Cum tôdalas regalias,
Alguns há que contra Deus
Inté soltam heresias;
Inté os filhos dos fieis,
Munto amados de Deus,
Se esquecem além da mõrte
Qu'inté que parecem ateus!
Eu que tenho amizade
Eu te mostro a rezão:
Alguns que são meus amigos,
Bem teus inimigos são!

Saúde:

— Eu que tenha inimigos,
Im tal não quero crer;
Mas isso *si* é berdade,
Quem são, pretendo saber.

Doença:

— São doutores da medecina,
Boticairos, sergiões;
Se *les* falto eu, que seriam,
Tornariam ser ladrões.
O andar à impreitada,
Suar p'ra ganhá lo pão,
Lubando o tempo rigor,
Calijamos nós a mão,
Porque num (1) podia ser
Por um ser da criação,
O filho do mais fiel
Tornaria ser ladrão.

Saúde:

— Cume são meus inimigos,
Se *mi* êles amam tanto?
Inté, cheios de prazeres,
Tocam *pianhos* e cantam.

Doença:

— Bem sabes qu'a medecina,
Que tem tôda dois morais;
Querem a saúde p'ra si,
A doença para os mais.
Num digo que sejam todos,
Màs mais dêles assim são,
Uns pela *nacidade*,

---

(1) Esta pronúncia foi a empregada aqui. Esta variedade dá-se com outras partículas.

Outros pol'*ambenção*,
O filho do mais fiel
Tornaria ser ladrão.

Saúde:

— Eu já stou arrependida,
De tudo peço perdão,
Agora qu'eu bou intrando
No *ingréme* da rezão.

Doença:

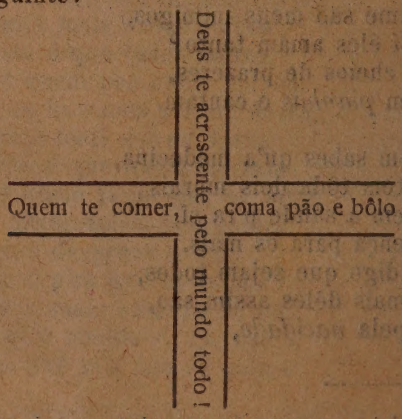
— Não tenho que perdoar,
Màs gosto de quem m'intende;
Qu'isto é p'ra que tu saibas
Qu'inté de belho s'aprende;
Ninguêm diga as tais palabras
Sem primeiro as cunsiderar.
Bale mais pouco falar
De que munto errar.

N) Apêndice

98 — *Bênção e esconjuro do Pão. Forno novo.* Quem o faz, é também quem o *aquenta*. A operação de o *aquentar* leva 24 horas e é o mesmo artífice que a efectúa, porque êle é que lá sabe a *tempéra*.

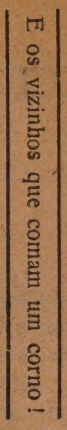
Enquanto vai aquecendo a sua obra, o homem vai tapando com barro amassado as fendas, que se forem produzindo.

No fim da operação, coze-se o *bôlo*, que é da mesma massa do *pão-brôa*, mas para aquele deixa-se a porta do forno aberta; num quarto de hora o bôlo está cozido. Segue-se a 1.ª *fornada* de pão; para esta é que se fecha a porta do forno e calafeta-se com a *tapage*, bosta amassada e polvilhada com *borralha*. A porta do forno é de ferro. Tapada a porta, o artífice do forno coloca-se solenemente em frente, ergue o braço com um gesto sacerdotal e descreve no ar uma grande cruz, dizendo o seguinte:



O primeiro *talho* é o vertical.

Depois traça nova vertical em que diz:



Enquanto o pão permanece no forno, o construtor péga num *rodilhão* (qualquer pedaço de trapo grosseiro) e vai humedecendo e refrescando exteriormente o forno, para o que tem à mão uma *cêlha* ou *cântaro* com água fria, em que embebe o trapo contínuamente.

99 — O bôlo ou pão, que primeiro se coze num forno, livra de maleitas e por isso dá-se a quem o pede, havendo às vezes empenhos para o conseguir.

100 — Quando se abre a porta ao forno no fim da cozedura, é preciso *acordar* o pão. Para o conseguir, péga-se numa varinha ou vergastinha e dá-se com ela em cada uma das brôas que estão no forno, dizendo de cada vez: *Deus te acorde e abra os olhinhos!* Isto é para o pão abrir os *olhos* e não ficar *massudo*, como o queijo.

FIM.

ÍNDICE

— Preâmbulo 5
— Factos etnográficos, tradições, cantigas, etc., do concelho dos Arcos-de-Valdevez 6
— Capítulo especial (sôbre cortejos e cavalhadas municipais do mesmo concelho) 14
— Factos etnográficos de carácter geral :
A) Adágios, adivinhas, frases estereotipadas 17
B) Cantigas 19
C) Vida infantil (criação, linguagem) 20
D) A mulher (casamento, maternidade, vária) 21
E) A morte 22
F) Medicina popular 22
G) A natureza (a água, o sol, a atmosféra) 23
H) O crime 23
I) Alimentação 23
J) Seres sobrenaturais (santos, feiticeiras, mouras) 24
K) Lendas dos mestéres 25
L) Ensalmos 25
M) Literatura poético-popular :
Conversar por verso 26
Candidinha 32
Esses teus olhos, Francisca 34
Batalhação entre a Saúde e a Doença 37
N) Apêndice :
Bênção e esconjuro do pão. Forno novo 40

ÍNDICE

90-B37443